

# Mobilidade cotidiana no município de Limeira (SP): entre urbanidades e ruralidades

**Palavras-Chave:** mobilidade, urbanidade, ruralidade.

**Laysla Gabrielle da Silva Lima, FCA – UNICAMP**

**Prof. Dr. Eduardo Marandola Jr. (orientador), FCA - UNICAMP**

**Tiago Rodrigues Moreira (co-orientador), IG - UNICAMP**

---

## INTRODUÇÃO

O contexto de investigação das mobilidades contemporâneas tem se mostrado dinâmico e desafiador, devido, dentre outros fatores, ao processo de intensificação da metropolização do espaço que impacta diretamente as relações urbano-rurais (Marafon, 2014). Um fenômeno que nos ajuda a investigar esse processo de mobilidade cotidiana é o habitar, pois eles nos mostram a importância da experiência cotidiana na constituição dos modos de habitar contemporâneos (Marandola Jr., 2014).

O projeto tem como objetivo compreender a mobilidade cotidiana no município de Limeira. Nesse contexto, mobilidade tem sido considerada como paradigma da forma de reprodução social da sociedade globalizada, como defende Urry (2007), remetendo à fluidez, à velocidade e às estruturas sociais, culturais e do próprio sistema produtivo capitalista.

Apesar de ser um fenômeno tão presente na experiência contemporânea, tanto em áreas urbanas, quanto em rurais, segue sendo de difícil mensuração. Em vista disso, a pesquisa tem como foco apresentar a experiência da mobilidade por meio de conversas biográficas com diferentes moradores de dois bairros em Limeira: um urbano (mas com características sociais e culturais atravessadas pela ruralidade) e outro rural (mas com características sociais e culturais atravessadas pela urbanidade). Desse modo, articulamos os modos de vida dos sujeitos, enquanto modos de compreender as transformações espaciais entre urbanidades e ruralidades, investigamos as mobilidades cotidianas e suas reverberações na experiência.

## METODOLOGIA

O fazer metodológico deste trabalho se deu a partir de uma sustentação teórica de base fenomenológica, em que deixamos a experiência ser o centro da pesquisa (Ales Bello, 2004). Tal prática se mostra como um fazer próximo à cotidianidade, sendo assim, as conversas que foram feitas e a escuta das histórias de vida que foram contadas, compõem a centralidade do trabalho. Isso implica a ênfase na experiência, tanto dos conversantes (os habitantes do lugar), quanto da própria

pesquisadora (Critelli, 2007). A pesquisa é compreendida como criação de uma circunstância, uma situação própria de produção do conhecimento, como envolvimento e afetação da pesquisadora no e com o lugar e seus habitantes.

Desse modo, a experiência das conversas e da escrita de diários contribuem para a construção de narrativas que ressoam as urbanidades e as ruralidades. Temos assim, um conjunto de rotinas, um conjunto de ritmos espaciais, de mobilidades cotidianas, de subjetividades articuladas e situadas espacialmente (Dardel, 2011; Tuan, 2018, Marandola Jr. 2014; Buttimer, 1982). Foram feitas conversas biográficas com a participação voluntária de seis moradores do município de Limeira. Os bairros escolhidos foram o Pinhal (rural) e o Jardim Santa Eulália (urbano).

Participantes do bairro rural:

- Alice, 73 anos, morou a vida toda no Pinhal;
- Matheus, 19 anos, morou a vida toda no Pinhal, porém na infância residiu por menos de 1 ano no Jardim Santa Eulália;
- Fátima, 59 anos, nasceu no interior da Paraíba e quando criança se mudou para Limeira em bairros urbanos e após o casamento se mudou e passou a residir no Pinhal.

Participantes do bairro urbano:

- Gustavo, 26 anos, morou a vida toda no Jardim Santa Eulália;
- Célio, 45 anos, morou na infância e juventude em um bairro urbano-rural (Cecap), e após o casamento se mudou para o Jardim Santa Eulália.
- Isabel, 69 anos, nasceu no interior da Bahia e aos 29 anos se mudou para o Jardim Santa Eulália, após o casamento.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Selecionamos dois dos entrevistados para discutir suas narrativas, na maneira como elas expressam os principais resultados da pesquisa.

A primeira entrevistada, foi uma senhora de 73 anos chamada Alice, que morou a vida inteira no campo. Durante a conversa, Alice contou que nasceu no bairro dos Frades em Limeira, uma área rural próxima do bairro dos Pires. Relatou que na infância, por volta dos cinco ou seis anos de idade já trabalhava cortando cana e ajudando os pais nas plantações. Aos sete anos, quando iniciou a escola, andava quase 10 km para chegar à aula, pois não havia ônibus e a família ainda não possuía carro para se locomover, então todos os trajetos que precisava realizar eram andando, de trator ou de charrete com cavalos.

Aos 16 anos casou-se e passou a morar no bairro do Pinhal, no qual reside até hoje. Após o casamento, ajudava o sogro e o marido nas plantações de laranja, hortaliça e milho. Seu trabalho consistia em plantar frutas e verduras, carpir a terra, colher e também manusear o trator quando seu

marido não podia. Comentou também que trabalhou como empregada doméstica por 8 anos em um sítio próximo ao Pinhal. Outro fato de sua vida comentado com bastante entusiasmo, foi o fato de terem conseguido comprar seu primeiro automóvel com os lucros das plantações, o que possibilitou uma melhora na qualidade de vida e deslocamento. Então, em sua infância, juventude e quando adulta, sua rotina consistia em trabalhar no campo, fora de casa e cuidar do lar.

Atualmente, Alice ainda mora no bairro do Pinhal mas sua rotina sofreu transformações com o passar dos anos e com as novas necessidades surgindo, como por exemplo lidar com a dificuldade de locomoção que a velhice trouxe e a dependência do automóvel. Conforme relatado, há apenas uma linha de ônibus que atende o bairro do Pinhal duas vezes ao dia (pela manhã e à noite), o que fez com que restasse apenas o carro como meio de transporte, com a ajuda de seu filho e neto que a levam para os lugares que frequenta regularmente. Sua rotina hoje em dia consiste em ir ao banco mensalmente, ao mercado a cada uma ou duas semanas e visitar o irmão uma vez ao mês. Outro ponto interessante comentado foi o fato de não viajar muito desde que se mudou para o Pinhal, indo uma vez ou outra para a praia com os netos e o marido, sendo o mais longe que já viajou ser Campos do Jordão em São Paulo e Poços de Caldas em Minas Gerais.

Ao ser perguntada se nunca considerou morar na cidade, Alice respondeu que:

*“Não. Morar eu não consigo morar na cidade. E eu nasci no sítio e quero viver no sítio, porque eu não consigo, me sinto assim, uma pessoa presa. Porque aqui eu saio, vou andar no meio do mato, vou carpir enquanto eu podia, agora não dá mais né?”*

Então, Alice explica que por ter nascido e vivido a vida toda no campo, não consegue se imaginar morando longe dele, por estar acostumada com o silêncio e a liberdade de poder viver em meio a natureza. Tal sensação de liberdade contrasta diretamente com a vida em bairros urbanos, em que a constante necessidade de estar sempre em movimento, sem tempo a perder e com mil e uma tarefas não permitem essa pausa que é muitas vezes apreciada em áreas urbanas.

O próximo entrevistado foi o morador Célio, do bairro Jardim Santa Eulália (urbano), de 45 anos. Célio morou durante a infância e parte da juventude no Parque Residencial Victor D'Andrea, conhecido como Cecap. Ele relatou que na época em que ainda morava nesse bairro, o lugar era praticamente uma área rural pois havia muitas árvores e espaços abertos com poucas casas. Também observou que o Jardim Santa Eulália, o Ibirapuera e o Parque das Nações eram todos pomares e plantações de laranjas em sua infância.

Aos 13 anos começou a trabalhar ajudando um amigo mecânico e vendendo “chup-chup” no centro de Limeira. Todos esses trajetos eram realizados a pé ou utilizando o transporte público para ir a lugares mais afastados de sua casa, como o centro da cidade. Já aos 17 anos, conseguiu seu primeiro trabalho de carteira assinada, o que possibilitou a compra de sua primeira bicicleta, melhorando seu deslocamento entre casa e trabalho. Um ponto levantado por Célio durante a conversa, foi o de que em sua visão, quando criança não existia essa maldade e malícia tão explícita e

que atualmente as pessoas criticam quem proíbe ou permite que os filhos fiquem apenas em casa, mas que na “rua” não é seguro em comparação a 40 anos atrás.

Célio também comentou sobre uma experiência marcante vivida ainda aos 17 anos de idade enquanto utilizava sua bicicleta para ir ao trabalho:

*“Eu estava indo trabalhar de bicicleta e vi o ônibus de uma multinacional, sem saber que era uma multinacional. Não tinha ideia do que era essa empresa. Aí eu pedalando com o meu amigo, eu falei para ele assim ‘olha, eu vou trabalhar nessa empresa, nesse ônibus, para mim não precisar mais ir de bicicleta e nem de levar marmita. E deu certo! Seis meses depois eu estava lá dentro trabalhando. Então foi uma experiência marcante. E lá eu entrando nessa multinacional, eu consegui comprar minha casa. [...] E consegui dar uma condição melhor para ele (filho) estudar, para o meu filho ter uma formação melhor que a minha e ter uma profissão melhor que a minha também.”*

Então, tal experiência evidencia o desejo por uma melhora na qualidade de vida e da condição econômica, sendo representada por uma evolução na forma de se locomover e em sua mobilidade.

Atualmente, reside no Jardim Santa Eulália há 16 anos e sua rotina consiste em ir trabalhar na cidade vizinha (Piracicaba) utilizando o fretado que a empresa disponibiliza, ir à academia na parte da noite com seu automóvel e aos fins de semana fazer mercado e frequentar a igreja próxima de sua casa. Ao ser perguntado se está satisfeito em morar no Jardim Santa Eulália, enfatizou que atualmente gosta do bairro, mas que precisou se adaptar principalmente ao barulho, pois onde cresceu não havia vizinhos perto e era uma rua sem saída, portanto os carros e outros barulhos que considera um incômodo (como ter vizinhos muito perto) foi um desafio. Porém, ao ser questionado se voltaria a morar em um bairro mais afastado e ruralizado, respondeu que pela questão da segurança não iria, pois em bairros rurais de Limeira, como os Pires e o Pinhal ocorre muita invasão de casa e até roubos de máquinas agrícolas tornando a área insegura.

## CONCLUSÕES

São nítidas as diferenças nas experiências vivenciadas por estes dois moradores, mas também suas aproximações. Um exemplo disso são as mudanças que ambos tiveram que enfrentar e se adaptar, como Alice precisando lidar com sua mobilidade reduzida com o avanço da idade e a dependência de outras pessoas para se locomover. Célio também precisou se adaptar ao ambiente urbano, mesmo com os desafios relacionados à falta de silêncio. Um outro elemento a ser discutido é o fato desses dois moradores de bairros com características opostas medirem o nível de avanço econômico e qualidade de vida com a evolução de seus meios de transporte. Seja Alice obtendo lucros com as plantações de laranja e sendo capaz de comprar um carro ou Célio buscando um melhor emprego que lhe proporcione os meios de transporte adequados para sua jornada de trabalho.

Ao analisarmos o fenômeno do habitar e sua relação com os moradores e suas vivências, é possível perceber como seu habitar é fundamental para a constituição das mobilidades. Como

Heidegger afirmou, só é possível habitar o que se constrói. Para Célio, construir o seu habitar foi um evento decorrente de uma mudança em seu modo de vida, trabalho e mobilidade. Já para Alice, por meio do seu habitar e construir pôde melhorar sua mobilidade. Outro ponto relacionado a esse fenômeno, é o significado da palavra “Nachbar”, vizinho em alemão. O “Nachbar” é o “Nachgebur”, aquele que habita a proximidade. Tal palavra remete justamente ao relato do morador Célio do bairro urbano, em que conta a enorme dificuldade que teve em se adaptar à nova realidade de seu habitar com vizinhos à sua volta, algo que não era parte de sua vida antes da mudança para o urbano.

A riqueza das vivências revela formas de habitar múltiplas, nas quais a urbanidade e a ruralidade não estão limitadas aos chamados espaços urbanos ou rurais: espraiam-se ao longo da trajetória das pessoas e convivem, de maneira concomitante, nos lugares do campo e da cidade.

## **BIBLIOGRAFIA**

CERBONE, David. R. **Fenomenologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1999,

MARANDOLA JR., Eduardo. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. Editora Edgard Blucher Ltda., 2014.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Fenomenologia do ser-situado**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

URRY, John. **Mobilities**. London: Polity, 2007.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: Natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial. **Geograficidade**. V. 8, n. 1. 2018.

BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. (org.) **Perspectivas da geografia**. São. Paulo: Difel, 1982.

ALES BELLO, Angela. **Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião**. (trad. Miguel Mahfoud e Marina Massimi) Bauru: Edusc, 2004.

CRITELLI, Dulce M. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MARAFON, G. J. Territorialidades, ruralidades e as relações campo-cidade. **Campo – território** revista de geografia agrária, v. 9, n. 18, 25 jun. 2014.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. (1951). Ensaios e conferências, tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis: Vozes, 2001.